

“Orientação” nos tratos da poesia: da escrita chinesa aos caracteres de um *fulano-da-china*

Regina da Costa da Silveira*

O amor é breve ou longo, como a arte e a vida.
Guimarães Rosa

Resumo

Investigação da linguagem que em “Orientação” se encaminha para a mitopoesia. Interpretação dos chistes e expressões usadas por um narrador sempre disposto a embarçar o leitor, ao mesmo tempo em que propõe indagações e lhe oferece pistas referentes à natureza dos mistérios, na vida do herói Yao Tsing-Lao, o Quim. Como orientadores da leitura, este ensaio recorre a Haroldo de Campos e a Francis Utéza. O estudo da escrita ideográfica, que Campos faz em ângulos diversos, auxiliará em nosso breve recorte pelo ângulo lógico-filosófico. Assim, as referências textuais sobre essa escrita serão vistas como instrumentos para a poesia. A recorrência a Utéza deve-se à busca de informações sobre a metafísica taoísta, para interpretar determinados substratos da linguagem conotativa e hermética, presentes no conto de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: linguagem mitopoética, chistes, lógica e escrita chinesa, simbologia.

“Orientação” é o vigésimo quarto dentre os quarenta contos que compõem *Tutaméia: terceiras estórias*, de João Guimarães Rosa. Ao lembrar o Oriente, o título antecipa a caracterização do herói, conforme o narrador indica: um “fulano-da-china”. Que outra orientação pode o leitor receber para seguir a trilha de “um joãovagante, no pé-rapar,¹ fulano-da-china – vindo, vivido, ido – automaticamente lembrado”, “cozinheiro do Dr. Dayrell, engenheiro da Central, no meio de Minas Gerais?” (ROSA, 1976, p. 108).²

Com Yao Tsing-Lao, facilitado para Joaquim, o Quim, o leitor depara-se com um perfil que bem caracteriza os heróis de *Tutaméia*, qual seja, o que nega as virtudes exemplares do herói para dar lugar à simplicidade, aos de-

* Curso de Letras da UniRitter.

sejos que impulsionam o indivíduo e que o levam a interagir com os outros na busca da construção do ser, pois, não obstante as acentuadas diferenças entre o casal envolvido na trama, adianta o narrador de “Orientação” já no primeiro parágrafo que “Tudo cabe no globo” (p. 108).

Na representação do herói em “Orientação”, o estranhamento instaura-se na mininarrativa a partir do nome do protagonista e de sua mulher, antecipando os enigmas que o conto todo propõe através de chistes, expressões de finíssimo humor, que perpassam desde a sua epígrafe, expandem-se em referências sutis aos caracteres da escrita ideogramática chinesa e aos mistérios dessa cultura tão antiga. Tais mistérios vêm insinuados por um narrador sempre disposto a embarçar o leitor, ao mesmo tempo em que também vai oferecendo pistas, indagando-se sobre a natureza na vida do herói e de sua amada, fazendo perguntas, verdadeiras provocações ao leitor:

E quem viu tal coisa?”, “Sabia pensar de-banda?”, “Mas o amor pertencia a outra espécie de fenômenos?”, “Serviam os dois ao mistério?”, “Ensinava-lhe liqueliques, refinices – que piqueniques e jardins são mais necessárias invenções?”, “Falar, qualquer palavra que seja, é uma brutalidade?”, “De que banda é que será aquela terra?” (p. 108-110).

O narrador constrói fisicamente a imagem do oriental, começando por esboçar esse perfil através da ausência da cabaia e rabicho: seco de corpo, ti-

nha a cabeça rapada, bochechas e rosto plenilunar. Sobre suas virtudes e caráter, “combinava virtudes com mínima mímica”, “Trastejava, de sol’nascente e vice-versa, sério sorrisoteiro”; exigia para si apenas, após o almoço, uma hora de repouso, no quarto para fumar. O próprio narrador qualifica o nome do protagonista como “muito engraçado”: Yao Tsing-Lao – facilitado para Joaquim, Quim”, nome comum em português. O narrador inclui-se entre os simpatizantes de Joaquim, afirmando que “Dele a gente gostava”, não sem apontar para suas inegáveis diferenças: “O chinês tem outro modo de ter cara” (p. 108).

Importa-nos verificar que as palavras de que o narrador se serve para caracterizar ações e o tipo físico do herói, nos momentos em que este é tratado como Joaquim ou Quim, são retiradas do dia-a-dia, fazendo parte do vocabulário do cozinheiro Quim: “Sábio como o sal no saleiro, bem inclinado. Polvilhava de mais alma as maneiras” (p. 108). Essas expressões jocosas a que chamamos de “chistes” encontram-se, em *Tutaméia*, enoveladas no itinerário de seus heróis e não menos emaranhadas e ricas em sua simbologia. Além do mais, o fino humor e o jogo rítmico das aliterações nesses chistes podem driblar a atenção do leitor, entretenendo-o muitas vezes, desviando-o do caminho que pode levar à produção de outros sentidos para as palavras. A propósito disso e do exemplo antes citado, percebe-se que o sal é símbolo da purificação, esterilidade e contrato social e que o mistério e singularidade

presentes na palavra “alma” se expandem a partir da pergunta: “Sabia pensar de-banda?” (p. 108).

No trecho em que é narrada a ascensão de Quim, que passa a zelador do sítio, depois da partida do Dr. Dayrell, os adjetivos “trenhoso” e “formigo” referem-se a esse herói – que agora leva o nome de Tsing-Lao –, particularizando-o com sua “chácara pessoal”. Dentre os dados da realidade física, avultam outra vez os que acenam para os mistérios dos orientais: “Morava, porém, era onde em si, no cujo caber do caramujo, ensinado a ser³ sua pólvora bem inventada.” Essas características insólitas que acentuam o ensimesmamento de Tsing-Lao evidenciam, de certa forma, que não se pode enquadrar o pensamento chinês na moldura da lógica ocidental.

As descrições que põem em evidência detalhes da “chácara pessoal” de Tsing-Lao lembram, com efeito, caracteres da escrita chinesa que servem para expressar o *yang*, ou o princípio positivo, e o *yin*, ou o princípio negativo: “Ambos os caracteres têm como elemento comum” o que, originariamente, “representa o ‘outeiro’ uma elevação em ‘declive’, e, por extensão, ‘fertilidade’, ‘abundância’” (CAMPOS, 1997, p. 209). Assim, tomemos como exemplo do conto as descrições geográficas e todo o entorno do “chalé, abado circunflexo, entre leste-oeste-este bambus, árvores, cores, vergel de abóboras, a curva idéia de um riacho” (p. 108). São elementos que denotam abundância, fertilidade, com destaque para o “abado circunflexo”, lembrando o sinal de

forma curva e circunflexa que vem encimando os caracteres de *yin* (ver ilustração à página 132). As qualidades do herói “trenhoso” e “formigo” podemos também estendê-las ao narrador, que parece preparar cuidadosamente o texto, tanto quanto o personagem prepara o sítio, para introduzir, então, a personagem feminina e suas sutis diferenças em relação ao marido (o casal era, conforme se lê, como “a rapadura e a escada”). Antes de analisar Rita-Rola, desembaracemos um pouco mais o nome enigmático do herói.

Nome e homem: yao tsing-lao

O nome do herói Yao Tsing-Lao, “embaraçado”, segundo constata o próprio narrador, assemelha-se aos nomes que têm origem na quase desconhecida e antiquíssima metafísica do Oriente taoísta. Francis Utéza (1994) enumera as três obras principais do taoísmo: o *Yi King*, um dos mais antigos livros da humanidade, o *Tao-Te-King*, atribuído ao mítico Lao-Tsé, e o livro de Tchuang Tsé, (século IV a.C.). Utéza fundamenta-se em Fong You-Lan e R. Alleu para afirmar que o taoísmo “não é uma religião, como não o são o pitagorismo, o platonismo ou o aristotelismo. Trata-se de um sistema filosófico esotérico, sem igreja, rito, dogma ou moral, o sentido ocidental do termo” (UTÉZA, 1994, p. 427).⁴

Se atentarmos para o nome do herói de “Orientação”, Yao Tsing-Lao, aproximando-o aos clássicos taoístas, autores e obras que Utéza enumera, encontraremos algumas correspondências

curiosas: a primeira palavra *Yao*, inicia com a mesma letra da primeira obra (*Yi King*) e tem as duas letras seguintes da segunda obra (*Tao*); segue-se *Tsing*, lembrando em suas letras iniciais *Ts* tanto o mítico *Lao-Tsé*, autor do segundo livro, quanto Tchuang *Tsé*, autor do terceiro; a terminação *ing* (presente na segunda palavra do nome do herói) é própria da primeira e da segunda obra também. Já o nome *Lao*, unido por um hífen aos outros dois nomes do herói, dispensa a análise de suas partes, já que estamos diante de um homônimo de *Lao-Tsé*. Tal aproximação é válida na medida em que se ampara no fato inegável da familiaridade do escritor Guimarães Rosa com a língua e a metafísica dos orientais.

A epígrafe em “orientação”: a sintaxe e a diferença

– *Uê, ocê é o chim?*
– *Sou, sim, o chim sou.*

O Cule Cão

Com essa epígrafe, o conto assinala o prazer estético-sonoro que se pode encontrar nas combinações monossilábicas, aliteraões e cacofonias da língua chinesa, como se o narrador rosiano tivesse também o dom da onomatopéia, faculdade de impor originalmente nomes às coisas.⁵ Com efeito, a palavra *Uê*, na epígrafe, lembra a palavra chinesa *wei*, enquanto o *chim* encontra correspondência no chinês *shih*, sendo essas duas palavras exemplos de peculiaridades

próprias da língua chinesa. O artigo de Chang Tung-Sun aponta para tais peculiaridades quando diz que,

para uma sentença chinesa, o sujeito não é essencial. Ele fica muitas vezes subentendido. [...] em chinês não existe nenhum verbo “ser” comparável à forma inglesa. O *shih* coloquial não transmite a idéia de existência. O *wei* literário, por outro lado, transmite uma idéia de *ch’eng* que significa “tornar-se” (CAMPOS, 1977, p. 205-206).

Retomando a epígrafe rosiana, a palavra *Uê* pode significar o mesmo que *Ué*, interjeição em português que introduz enunciados, indicando surpresa. O *chim*, por sua vez, reaparecerá depois, quase ao final do conto, junto a um dos nomes do herói. E porque não vem também em maiúscula, acompanhando o nome próprio, “chim” serve para qualificar o nome de Quim, então desaparecido, o “Quim chim, Yao o ausente, da Extrema-Ásia, de onde oriundo: ali vivem de arroz e sabem salamaleques” (p. 110).

Por outro lado, *Uê* pode ser um nome que constitui o vocativo. Este, por sua vez, introduz o diálogo em que o narrador interpela *Uê* (*wei*), então personificado: “– *Uê, ocê é o chim?*”. Já a expressão “ocê” remete à forma coloquial de tratamento usada no interior ou no “meio de Minas”, ao mesmo tempo em que lembra a fala do “cule cão”, operário não especializado na China – se deparasse com a correspondência entre o *wei* literário e o *shih* coloquial da língua chinesa e sobre ela formulasse indagação. A essa indagação, *Uê* (*Wei*) responde: “Sou, sim, o chim sou.”

A epígrafe problematiza, sem dúvida, o “ser”, e assim remete o leitor à expressão “ensinado a ser”, referente a Tsing-Lao, e as considerações de Chang Tung-Sun que provam, através de diagramas, as diferenças existentes entre as sentenças na lógica ocidental e na lógica oriental. Entre essas significativas diferenças encontra-se, portanto, a ausência da palavra “ser” em chinês.

Para Haroldo de Campos, a tese mitopoética de Ernst Fenollosa também era defendida por Vico e por Emerson. Trata-se “de uma linguagem original, edênica ou adâmica, em que as palavras reverberavam o halo das coisas, numa comunhão paradisíaca, irradiando-se na força tropológica das metáforas”. Conforme pesquisou Suzi Sperber, constavam na biblioteca de Guimarães Rosa as seguintes obras de Emerson (SPERBER, 1976, p. 72): *Les pages immortelles de... chisies et expliqées par E. Lee Master* (Paris, Corrêa, 1947); e *The complete essays and other writings*, (New York, Modern Library, 1950). Além do mais, sabe-se que Rosa dedicou-se à aprendizagem da língua chinesa. É possível inserir o nome do escritor de Cordisburgo, portanto, entre os estudiosos e defensores da mitopoética da linguagem. É uma constatação que se faz em “Orientação”, mas também ao longo da leitura de *Tutaméia*, de modo especial em cada um de seus quatro prefácios.

O itinerário de Seô Quim

Sabemos que Joaquim “Virara o Seô Quim, no redor rural” (p. 108).

Não obstante ocorram certas transformações na vida do herói, como a sua prosperidade socioeconômica, este “indevassava-se”, e, em posição oriental, “sentava-se, para decorar o chinfrim de pássaros ou entender o povo passar. Traçava as pernas” (p. 108-109). Esses procedimentos, que apontam para a imagem de um sábio, já aqui exemplificada pelo chiste “Sábio como sal no saleiro”, somam-se à sentença “esperar é um à toa muito ativo”, (p. 109) para evidenciar a situação do iniciado no estágio que Utéza qualifica como “princípio místico do Wu-Wei” um “não-agir”, “não-fazer”, enquanto “vive-se no Tao, integrado na energia cósmica”. O autor explica-nos ainda que:

Evitando todo comportamento intempestivo, o sábio, por sua parte, provoca um mínimo de desordem e se expõe, pois, menos ao sofrimento. Seu “não-agir”, porém, não é nem quietismo nem fatalismo: é uma colaboração com o dinamismo do universo, na vacuidade interior, sem tensão, nem emoção, nem sentimento.

O mesmo dirá que “o método taoísta do Wu-Wei é um percurso místico, de comunhão extática, que privilegia a intuição em detrimento da razão e rejeita todo artifício exterior – dança, música, libação, cerimônias coletivas (UTÉZA, 1994, p. 429).

Mais uma dessas referências ao mistério, que aponta para a comunhão extática do método do Wu-Wei, aparece no conto por meio da expressão: “No que não, o mundo não movendo-se, em sua válida intraduzibilidade” (109) (colocação do pronome oblíquo

fica por conta do texto rosiano). De uma ou de outra forma, a posição do herói de “Orientação” lembra até aqui a do iniciado Wu-Wei no estágio de purificação.

De Joaquim ou São Quim, o herói passa a ser chamado de “Yao o china” no início de sua história sentimental, isto é, quando surge a “amada, por apelido Rita Rola – Lola ou Ita, Lola-a-Lita conforme ele silabava”. O humor presente no texto vale-se, então, da caricatura das personagens. No caso da mulher, era “feia, de se ter pena de seu espelho. Tão feia, como fossas nasais” (p. 109). O nome Yao, portanto, não fora recuperado gratuitamente no texto. O herói volta a ser assim chamado justo quando se lhe aparece a “amada”. Com efeito, reaparece mais uma vez no conto a familiaridade do narrador com as doutrinas filosóficas orientais, em especial com o taoísmo,⁶ lembrando, então, a complementaridade das duas forças que derivam do princípio primordial, o *yin* feminino e o *yang* masculino. Sobre essa complementaridade, Utéza observa:

A relação *yin-yang* ultrapassa o nível superficial da oposição dualista e remete sempre ao conceito de unidade: são inconcebíveis um sem o outro, cada um contendo o outro em germe. Enquanto um sobe e cresce, o outro desce e diminui, sem entretanto nenhum desaparecer nunca. Cada vez que um atinge seu apogeu, abre a via a seu simétrico, que retoma sua própria progressão, estabelecendo um movimento pendular (UTÉZA, 1994, p. 428).

Apontando para as diferenças, o texto mostra que “O mundo do rio não

é o mundo da ponte”; “o primeiro efeito foi Rita Rola semelhar mesmo Lola-a-Lita desenhada por seus olhares”, “til no i, pingo no a”, “parecidos como uma rapadura e uma escada”, “ela, um angu grosso em fôrma de pudim” (p. 109), pondo em evidência o texto de *Tao-Te-King* (UTÉZA, p. 428).

“O primeiro efeito foi Rita Rola semelhar mesmo Lola-a-Lita desenhada por seus olhares”



Tao é o animador das interações e transformações incessantes das duas forças opostas e complementares: a força macho, yang, e a força fêmea, yin.

Tao-Te-King

Quando cada um toma o belo pelo belo
aparece a feiúra
Quando cada um toma o bom pelo bom
vêm os males
Estando e não-estando se geram
Confortável e desconfortável se perfazem
Longo e curto se remetem um ao outro
Voz e som ressoam conjuntamente
Frente e costas se seguem
Quando cada um toma o belo pelo belo
aparece a feiúra
Quando cada um toma o bom pelo bom
vêm os males
Estando e não-estando se geram
Confortável e desconfortável se perfazem
Longo e curto se remetem um ao outro
Voz e som ressoam conjuntamente
Frente e costas se seguem.

Essas expressões rosianas remetem o leitor mais uma vez à qualidade relacional do pensamento chinês, expresso por Chang Tung-Sung, segundo o qual, o longo e o curto são mutuamente relativos, frente e costas se acompanham mutuamente.

Após “a comedida comédia”, conforme é qualificada a festa de casamento, o texto aponta para uma forma de vida em que os dois se entregam às “meduras sem cura, com esquisitâncias e coisinhuezas” de recém-casados. Ele “deu a ela um quimão de baeta, lenço bordado, peça de seda, os chinelinhos de pano. Tudo em pó de açúcar, ou mel-e-açúcar, mimo macio – o de valor lírico e prático. Ensinava-lhe liqueliques, refinices” (p. 108), até que “o caso não sucedeu bem. Ou a souvinice da vida, as inexactidões do concreto imediato, o mau-hálito da realidade” (p. 110).

São esses alguns dos exemplos que denotam a presença dos hábitos comuns e cotidianos, que banalizam a vida dos indivíduos e que servem para obstruir o caminho daquele que “trata de realizar em si a unidade”, pois

o homem comum em geral se deixa levar pelos desejos ou pelos princípios que lhe impõe o meio cultural ou uma determinada moral, segundo motivações que na maior parte das vezes não correspondem senão a estados de alma sem autenticidade (UTÉZA, 1994, p. 429).

Ao apresentar os dois personagens, o texto rosiano é rico em imagens que caracterizam o comportamento de indivíduos pertencentes à categoria do “homem comum”, seguindo a definição de Utéza. Não obstante, a personagem feminina parece estar mesmo em desa-

cordo com a forma e os ritmos de vida do taoísmo.⁷ Nesse sentido, o narrador observa: “Mas Rola-a-Rita achava que o que há de mais humano é a gente se sentar numa cadeira”, o que está declaradamente em desacordo com a posição de meditação de um oriental. Segue-se a essa sentença o provérbio: “O amor é breve ou longo, como a arte e a vida” (p. 109). Ambas são frases-mediadoras de situações no texto em que amor e desamor se sucedem, equilíbrio e desequilíbrio se alternam. A harmonia (em grego, a “junção das partes”) se dissocia na vida amorosa do casal, o que remete à junção e, ao mesmo tempo, à ruptura do movimento pendular na relação *yin-yang*.

Reconduzindo o leitor à mitologia, aos episódios que envolveram heróis primordiais – a quem era proibido olhar para trás, sob pena de voltar ao passado e se apegar à matéria⁸ –, a mulher, Rita a Rola, “se assustou, revirando atrás. Tirou-se de Quim, pазpalho, o dragão desengendrado”.⁹

Rompida a harmonia, tudo passa a ser desvantagem na relação marido-e-mulher em “Orientação”:

Rola, como Rita, malsinava-o [...]. Chamou-o de pagão. Quim, mandarim, menos útil pronunciou-se: – “Sim, sim, sei...” – um obtempero. Mais o: – “T’s, t’s, t’s, [...] parecia brincar de piscar para uma boa compreensão de nada. [...] deixou-lhe a chácara, por polidez, com zumbaia. Desapareceu suficientemente – aonde vão as moscas enxotadas e as músicas ouvidas. Tivessem-no como degolado (p. 110).

Dentre as técnicas taoístas existem as de *tái hsi*, ou respiração embrionária,

que consistem na prática de uma apnéia cuja duração é cada vez mais longa (como no *prāṇāyāma* da yoga). A expressão *T's, t's, t's* também lembra o estado de *Ts'i* suficientemente – “aonde vão as moscas enxotadas e as músicas ouvidas. Tivessem-no como degolado” (p. 110).

O desaparecimento de Quim¹⁰ lembra que entre os taoístas existem os homens deificados que se desvencilham de todas as convenções sociais e lingüísticas, alteram sua consciência de forma a expulsar dela os hábitos e as obrigações adquiridas, penetram em si mesmos e descobrem a leveza do ser que os torna imponderáveis. Mas “essa supremacia do nada sobre o ser, do vazio sobre o pleno, isso não deve ser entendido no termo simplista de uma negação da vida. Ao contrário, o objetivo último do taoísmo é a obtenção da imortalidade” (ELIADE, 1995, p. 258).

Quanto à mulher, Rita Rola, “apesar de si, mudara, mudava-se [...]”. Aprendia ela a parar calada levemente, no sóbrio e ciente, e só rir. Ora quitava-se com peneiradinhas lágrimas num manso não se queixar sem fim” (p. 110). Sobre as mulheres chinesas, lê-se em Lin Yutang: “Já o dizem as mulheres analfabetas da China: ‘Outras nos deram a luz e nós damos a luz a outras. Que mais havemos de fazer?’” (YUTANG, 1963, p. 21), para levar em conta a reflexão de Rita Rola: – “Tivesse tido um filho...”, enquanto punha “ao peito as palmas das mãos” (p. 110).¹¹

Na afirmação de que a personagem feminina “Outr’algo recebera, porém, tico e nico: como gorgulho no grão, grão de fermento, fino de bússola, um

mecanismo de consciência ou cócega”, as palavras “grão”, “fermento” e “bússola”, somadas ao fato de receber “otr’algo”, de andar calada e no passo reto “passo enfeitadinho, emendado, reto, proprinhos pé e pé”, são referências que podem ser lidas como a percepção da “Via”, ou seja, da solidariedade que existe entre o indivíduo e o cosmos, através da *orientação* taoísta que prevê uma forma de vida de acordo com os ritmos da natureza, sem dispersão e multiplicidade, com o domínio dos sentidos, enquanto se deseja restaurar em si a unidade. De toda sorte, tal percepção da “Via” verifica-se como “gorgulho no grão”, lembrando que a palavra *gorgulho* significa “fragmentos de rocha” entre os quais se encontra o “ouro”,¹² designado pelo caractere chinês *kin* (lembrando Quim); um fragmento da orientação taoísta (a gestação lenta de um embrião, negada no texto pela esterilidade de um dos cônjuges): “grão de fermento”, “bússola” para orientar Rita-Rola em seus novos passinhos, rumo ao conhecimento de “otr’algo” e à conseqüente transformação.

A presença de Yao Tsing-Lao em *Tutaméia* assinala que o desejo imensurável de imortalidade se manifesta mesmo no itinerário menos nobre, como é o caso da vida cotidiana de Joaquim, o “Seô Quim” – e de sua simples “estória” de amor e desamor, que tem começo, meio e fim bem delimitados –, “cozinheiro da casa do Doutor Dayrell”, “um joãovagante, no pé-rapar, fulano-da-china, vindo, vivido, ido” mas “– *automaticamente lembrado*” (p. 108 - grifos meus).

De fato, em “Orientação”, os ritos de passagem próprios de um iniciado taoísta – quando este busca obter a imortalidade – acham-se representados no fragmentário mundo de mais um dos heróis de *Tutaméia*, o cozinheiro do Doutor Dayrell, engenheiro da Central, no meio de Minas Gerais. Assim, o “fazer viver heróis”, procedimento que, conforme a crítica assinala, é próprio de Guimarães Rosa, mais uma vez pôde ser comprovado na singularidade do percurso de Yao Tsing-Lao.

Abstract

Study of the language which makes its way to myth poetry in the short story *Orientação*. Interpretation of jests and expressions used by a narrator who is always willing to embarrass the reader while questioning and offering him clues referring to the mystery of the hero Yao Tsing-Lao, the Quim. This paper is theoretically based on Haroldo de Campos and Francis Utéza. The former's study of ideogrammatic reading will help us from the logical-philosophical perspective. Therefore, the textual references about that writing are seen as tools for poetry. The reference to Utéza is due to the search for information on Taoist metaphysics in order to interpret certain levels of the connotative and hermetic language present in Guimarães Rosa's short story.

Key-words: myth poetry, jests, chinese logics and writing, symbology.

Referências

- CAMPOS, Haroldo. *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. Textos traduzidos por Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. Universidade de São Paulo, 1977.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. Trad. de Pedro Moreira Araújo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras histórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SILVEIRA, Regina da Costa da. *O herói nos contos de Tutaméia*. Tese (Doutorado) - UFRGS, Porto Alegre, jun. 1997.
- SPERBER, Suzi Frank. *Caos e cosmos*. Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1976.
- UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande Sertão: Veredas*. São Paulo, Ed. da Universidade, 1994.
- YUTANG, Lin. *A importância de viver*. Trad. de Mario Quintana. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1963.

Notas

¹ *Pé-rapar*, expressão correspondente a *rapapé*, sinônimo de *salamaleque*, polidez ou cumprimento afetado.

² ROSA, João Guimarães. *Tutaméia* Terceiras Estórias. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976. Todas as citações deste conto referem-se a essa edição. Mencionaremos apenas as páginas daqui em diante.

³ Na expressão “ensinado a ser”, o leitor poderá encontrar implícitas as idéias que apontam para a ausência da palavra *ser* no idioma chinês e para a lógica chinesa que não se baseia na lei da identidade. É, portanto, a lógica ocidental que tem como base a lei da identidade, enquanto as regras da “contradição” necessitam da regra de exclusão, orienta-nos Haroldo de Campos. O pensamento chinês enfatiza, de preferência, a qualidade relacional entre acima e abaixo, bem e mal, alguma coisa e nada, o longo e o curto são mutuamente relativos; a frente e as costas se acompanham mutuamente (CAMPOS, 1997, p. 206-207).

⁴ Para Mircea Eliade, os clássicos do taoísmo são o “Tao-te king, atribuído ao fundador mítico do caminho (= Tao), Lao-tse, e o Chuang-tse, que tem esse nome devido a seu suposto autor”. Quanto ao Tao-te King, o autor atribui o significado de “Clássico do Caminho e da Virtude”. Não encontramos em Eliade, contudo, o registro do antigo clássico taoísta, Yi King, citado por Utéza, embora o autor do *Dicionário das religiões* conclua que “reduzir o taoísmo a esses dois textos seria mais grave que reduzir o cristianismo aos quatro Evangelhos”. Mais adiante esse autor informará que o cânon taoísta (tao-tsang) foi impresso em 1926 em Xangai, e se constitui de 1.120 fascículos (ELIADE, 1994, p. 255).

⁵ Haroldo de Campos, no capítulo Ideograma, anagrama, diagrama: uma leitura de Fenollosa, (livro *Ideograma: lógica, poesia e linguagem*, org. por Campos em 1977, com textos traduzidos por Heloysa de Lima Dantas), mostra que o filósofo e orientalista norte-americano Ernst Fenollosa (1853-1908) conseguiu descobrir, na análise intrínseca dos caracteres ideográficos, as fontes de prazer estético que os textos da poesia sino-japonesa lhe proporcionavam. Devemos a Campos o termo *onomathesia* e seu significado aqui expresso.

⁶ Originariamente, Tao foi um termo religioso ou mágico. Segundo Utéza, “designava a arte de pôr em comunicação o céu e a terra, os poderes sagrados e os homens, de realizar uma obra” (UTÉZA, 1994, p. 427). O taoísmo não despreza a inteligência, mas “a intervenção da razão causa dispersão e multiplicidade, quando se trata de realizar em si a unidade”. Esta experiência interior “não é atingível pelas vias da lógica, mas depende de uma forma de vida de acordo com os ritmos da natureza” (Idem, p. 429).

⁷ O casamento, sendo um *contrato social*, lembra o segundo significado do “sal” no conto. O primeiro significado já aparecera aqui na idéia da *purificação* por que passa o herói. Falta exemplificar o terceiro.

⁸ Sobre as diferentes formas com que os nomes de Rita Rola (Lola ou Lita, Rola, Lola-a-Lita, Lolalita, Rola-a-Rita, Rita a Rola, Lola Lita) e de Joaquim (Yao Tsing-Lao, Quim, Tsing-Lao, Seô Quim, Yao o china, Yao o amante, Yao o ausente, Quim chim) apresentam-se em “Orientação”, estas significativas formas lembram que, na China, “todas as diferenças têm de ser preservadas em virtude de seu significado social e todos os finos matizes da terminologia chinesa podem ser atribuídos à retificação dos nomes” (CAMPOS, 1977, p. 223).

⁹ Muitas histórias aludem à recomendação de não olhar para trás: Orfeu, a mulher de Lot, Ulisses (que deveria ficar de costas para o Hades), Electra, Amarilis etc. Quanto à metáfora do dragão, observa-se que seu poder é a resolução dos contrários, por isso Confúcio viu em Lao-Tse a própria personificação do dragão. O dragão produz o *soma*, bebida da imortalidade (CHEVALIER, 1995, p. 349-350).

¹⁰ O lugar misterioso, para onde vai Yao Tsing-Lao, apresenta-se como o inefável périplo de heróis primordiais chineses. Diversas lendas “aludem a peregrinações a lugares que, por suas características especiais, têm notas em comum com o paraíso. Assim, o orientalista Wilhelm, em sua obra sobre *Lao-tsé*, transcreve uma narração chinesa em que “O rei *Huang-ti* teve um sonho. Foi para o reino de *Hua Hsü* [...]. Não se sabe quantas centenas de léguas está distanciado do *Estado de Ts’i*. Não se pode chegar ali nem pela força dos barcos ou de carruagens, nem andando. Chega-se apenas pelo vôo do espírito [...]. Sobem pelo ar como se anda pela terra; descansam no espaço vazio como se dorme num leito [...]. Caminham apenas no espírito” (CIRLOT, 1984, p. 151), o que lembra “aonde vão as moscas enxotadas e as músicas ouvidas”. Em “Orientação”, a “chácara pessoal” – herança de Seô Quim à sua mulher – pode ser sinônimo de sítio. Essa expressão, contudo, pode ser mais um chiste que aponta para os mistérios na vida do herói, referindo-se, então, ao termo “chakra”, *roda* por onde circula a energia vital.

¹¹ O fato de não terem filhos lembra a esterilidade de um dos cônjuges. Para a expressão “Sábio como sal no saleiro”, atribuída a Quim, dois sentidos para o sal (purificação e contrato social) tinham sido descobertos no texto. Agora, sabendo-se que nada se gerou da união do casal, descobre-se o terceiro, a *esterilidade*.

¹² O caractere *kin* primitivo no Extremo-oriental evoca, segundo Chevalier, pepitas subterrâneas, o produto da gestação lenta de um embrião, ou da *transformação*, o *aperfeiçoamento* de metais vulgares. *Kin* é o *filho dos desejos da natureza*. O ouro, símbolo do conhecimento, é o *yang* essencial. (Drogas de imortalidade a base de ouro recuperavam a cor dos cabelos; a medicina de hoje aplica fios de ouro sob a pele para rejuvenescê-la).